

# **PROTAGONISMO FEMININO NAS LIGAS CAMPONESAS: ANÁLISE DA ATUAÇÃO POLÍTICA DE ALEXINA CRESPO NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960<sup>1</sup>**

## **Protagonismo femenino en las Ligas Campesinas: análisis de la participación política de Alexina Crespo en las décadas de 1950 y 1960**

Giovana Rodrigues Alves<sup>2</sup>

Orientação: Profa. Dra. Patrícia Pinheiro de Melo<sup>3</sup>

### **RESUMO**

A participação política de mulheres em movimentos sociais é um tema complexo marcado por desafios decorrentes das expectativas sociais e da tradicional divisão de trabalho entre os gêneros. Nesse sentido, a participação de mulheres nas Ligas Camponesas, apesar de historicamente percebido como um movimento predominantemente masculino, teve um papel crucial, muitas vezes obscurecido por narrativas patriarcais. Figuras como Alexina Crêspo e Elizabeth Teixeira, frequentemente são negligenciadas na historiografia. Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar a atuação política de Alexina Crespo nas Ligas Camponesas no Nordeste do Brasil durante as décadas de 1950 e 1960. O objetivo deste trabalho é resgatar a trajetória, motivações e contribuições de Alexina Crespo para as lutas rurais. Ademais, através de pesquisa bibliográfica e documental serão destacados os impactos de sua atuação em um contexto dominado pelo patriarcado, buscando aprofundar a compreensão da participação feminina nas Ligas Camponesas, contribuindo para a construção de uma memória mais equitativa e justa.

**Palavras-chave:** Ligas Camponesas; Alexina Crespo; Participação feminina; Movimentos Sociais; História de Gênero.

### **RESUMO EM OUTRO IDIOMA**

La participación política de las mujeres en movimientos sociales es un tema complejo marcado por desafíos derivados de las expectativas sociales y la tradicional división del trabajo entre los géneros. En este sentido, la participación de las mujeres en las Ligas Camponesas, a pesar de ser históricamente percibida como un movimiento predominantemente masculino, desempeñó un papel crucial, a menudo obscurecido por narrativas patriarcales. Figuras como Alexina Crêspo y Elizabeth Teixeira a menudo son pasadas por alto en la historiografía. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo analizar la actuación política de Alexina Crespo en las Ligas Camponesas en el noreste de Brasil durante las décadas de 1950 y 1960. El propósito de este trabajo es rescatar la trayectoria, motivaciones y contribuciones de Alexina Crespo a las luchas rurales. Además, a través de una investigación bibliográfica y documental, se destacarán los impactos de su actuación en un

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. Patrícia Pinheiro de Melo; Profa. Dra. Maria do Socorro de Abreu e Lima; Prof. Dr. José Marcelo Marques Ferreira Filho na seguinte data: 27 de março de 2023.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em História na UFPE.

<sup>3</sup> Professora do Curso de História da UFPE.

contexto dominado por el patriarcado, buscando profundizar la comprensión de la participación femenina en las Ligas Camponesas, contribuyendo a la construcción de una memoria más equitativa y justa.

**Palavras-chave em outro idioma:** Ligas Camponesas; Alexina Crespo; Participación Femenina; Movimientos Sociales; Historia de Género.

## 1 INTRODUÇÃO

A participação política das mulheres sempre foi um tema delicado e controverso nos movimentos sociais devido a expectativas sociais arraigadas e à tradicional divisão de trabalho entre os gêneros. Normas culturais historicamente atribuíram às mulheres papéis mais restritos à esfera doméstica, o que muitas vezes resultou em resistência e desconfiança quando buscavam engajamento político em espaços tradicionalmente dominados por homens. Dessa forma, ao ocuparem espaços na sociedade, mulheres enfrentam expectativas e pressões para cumprir papéis pré-determinados, muitas vezes refletindo uma divisão sexual do trabalho. Suas experiências, inserções públicas e privadas, e a questão da participação e permanência nos sindicatos e organizações de base têm emergido como temas relevantes para entender a atuação feminina nas Ligas Camponesas, um movimento predominantemente considerado masculino. É dentro dessa perspectiva que a temática deste artigo surge. Buscar compreender de maneira mais ampla a história das Ligas Camponesas significa escrever também uma história das mulheres das Ligas Camponesas. Nesse sentido, escrever a história da atuação política de Alexina Crespo é uma iniciativa crucial para desvelar as múltiplas camadas da resistência feminina no contexto desse movimento.

A história das mulheres rurais, muitas vezes relegada a segundo plano, assume uma dimensão fundamental quando entrelaçada com a narrativa mais ampla do movimento. A trajetória de Alexina Crespo se torna um fio condutor, revelando não apenas sua resiliência individual, mas também lançando luz sobre as dinâmicas sociais, políticas e econômicas que moldaram a experiência das mulheres nas Ligas. Em última análise, a escrita da história de Alexina Crespo é um convite à revisão e reescrita de narrativas históricas, conferindo às mulheres o lugar de destaque que merecem na construção do panorama político e social do Nordeste brasileiro.

O foco temático desta pesquisa está situado no campo da História de Gênero. Joan Scott, ao abordar essa temática, ressalta que incorporar as mulheres na história implica necessariamente na redefinição e expansão das concepções

tradicionais do que é considerado historicamente relevante. Isso envolve a inclusão não apenas das experiências pessoais e subjetivas, mas também das atividades públicas e políticas, ampliando assim a compreensão do panorama histórico para abranger diversos aspectos da vivência humana. “Não é exagerado dizer que por mais hesitante que sejam os princípios reais de hoje, tal metodologia implica não só em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história”<sup>4</sup>. Vale ainda acrescentar que a história das mulheres nas Ligas Camponesas está inserida na perspectiva da escrita de uma história a contrapelo, como chamou Walter Benjamin:

O momento destruidor: demolição da história universal, eliminação do elemento épico, nenhuma identificação com o vencedor. A história deve ser escovada a contrapelo. A história da cultura como tal é abandonada: ela deve ser integrada à história da luta de classes.<sup>5</sup>

Escovar a história a contrapelo significa rejeitar qualquer identificação com os protagonistas tradicionais da narrativa histórica, como os conquistadores europeus e dominadores. Em vez disso, é olhar para o passado a partir da perspectiva dos oprimidos, dando voz às culturas indígenas e aos descendentes dos escravos que foram explorados, por exemplo. Ao examinar a história sob a ótica dos vencidos, cada monumento colonial é considerado um testemunho da barbárie, um resultado da guerra, do extermínio e da opressão.

Essa abordagem busca desmistificar a história oficial, reconhecendo que as tradições dos vencedores e dos oprimidos inevitavelmente se confrontam. Da mesma forma, ao abordar a história a contrapelo no contexto de gênero, é crucial rejeitar a narrativa tradicional que muitas vezes negligencia ou subestima as experiências das mulheres ao longo da história. É necessário escovar a história a contrapelo, destacando as vozes das mulheres oprimidas e analisando os eventos culturais, políticos e sociais com a sua perspectiva. Essa abordagem crítica nos revela as complexidades das relações de poder de gênero ao longo do tempo, desafiando as narrativas dominantes e proporcionando uma compreensão mais completa da história.

Dessa forma, desafiando as limitações impostas pela sociedade, mulheres contribuíram de forma ativa para as lutas e resistências em busca de melhores condições de vida e trabalho no campo. Em trabalhos sobre as Ligas Camponesas,

---

<sup>4</sup> SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.” Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990, pp. 03-04.

<sup>5</sup> BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996, p.1240.

Elizabeth Teixeira é uma das poucas lideranças femininas mencionadas. No entanto, mesmo quando abordada, seu protagonismo muitas vezes é obscurecido, concentrando-se mais na trajetória de seu marido, João Pedro Teixeira, líder assassinado da Liga de Sapé na Paraíba. É essencial resgatar a história dessas mulheres, compreendendo suas trajetórias de vida, suas motivações para se tornarem militantes e o impacto de suas ações no cenário político do período.

Outra fonte significativa que aborda a participação feminina nas lutas camponesas é o documentário "Memórias Camponesas" de 2022, dirigido por José Sérgio Leite Lopes, Moacir Palmeira e José Carlos Matos. Este documentário explora a história da organização sindical dos camponeses ao longo da década de 60, desde o período da ditadura até a redemocratização brasileira. Ao acompanhar o processo de organização camponesa, somos conduzidos à expansão das Ligas Camponesas e à consolidação da organização sindical dos camponeses, motivadas pela violência e exploração do trabalho pelos proprietários de terra. Durante o período de 1961 a 1988, pelo menos 1.196 camponeses e apoiadores foram mortos ou desapareceram, conforme o Relatório Final da Comissão Camponesa da Verdade de 2014<sup>6</sup>. Entre essas vítimas está o assassinato de Margarida Alves em 1983, um evento retratado no documentário, que se tornou um catalisador crucial para a mobilização das mulheres nos sindicatos.

Soledade, uma das companheiras de luta de Margarida diz que:

Depois da morte da Margarida, a gente viu a necessidade de trabalhar a mulher, de trazer a mulher para o sindicato, de trazer a mulher para a luta, porque a mulher era completamente escravizada. Tanto escravizada, oprimida dentro da sua própria casa, pelo marido, pelos filhos, ela é escrava do lar. E na propriedade também pelos patrões, pelos feitores. Uma vida infeliz e sem nenhum direito.<sup>7</sup>

Nesse contexto, ao longo da década de 80, as mulheres desempenharam um papel vital na organização do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais na Paraíba. Iniciativas foram tomadas para capacitar as camponesas, incluindo a oferta de cursos de formação e programas de alfabetização. Essas ações visavam não apenas proporcionar às mulheres rurais habilidades e conhecimentos fundamentais, mas também promover sua integração e organização nos sindicatos. O Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais na Paraíba representou uma iniciativa para

---

<sup>6</sup> **MEMÓRIAS Camponesas**. Direção de José Sergio Leite Lopes, Moacir Palmeira, José Carlos Matos. Produção: Ricardo Favilla, Rafael Favilla (ICEM), 2022, Youtube.

<sup>7</sup> Ibid.

fortalecer as mulheres no cenário rural, reconhecendo a importância de sua participação nos processos sindicais e na busca por direitos e igualdade no campo.

É dentro dessa perspectiva que, por meio de levantamento bibliográfico e documental, investigaremos a trajetória de Alexina Crespo, destacando suas origens, motivações para ingressar na militância e os papéis desempenhados nas diferentes fases do movimento camponês, contribuindo para a historiografia sobre o protagonismo de mulheres nos movimentos rurais. Ao valorizarmos e compreendermos a atuação dessa liderança, destacaremos a importância da participação das mulheres nas lutas camponesas na construção de uma memória mais igualitária e justa.

## 2 QUE SÃO AS LIGAS CAMPONESAS?

As primeiras organizações de campesinato datam do período medieval na Alemanha. Nesse período, a exploração dos camponeses pelas classes dominantes foi um dos fatores responsáveis pela consolidação social e econômica deste segundo grupo. Pode-se afirmar que uma das consequências diretas dessa consolidação foi a acumulação de capital das classes dominantes, reflexo disso foi a possibilidade de construção dos grandes e luxuosos castelos e igrejas desta época, levantados sob o árduo trabalho de camponeses e camponesas. Para Georges Duby<sup>8</sup> o campesinato se constitui como um segmento oprimido de qualquer sociedade, dessa forma, a posição do camponês foi e é marcada pela subordinação aos donos da terra e do *status quo*, que dele exploram o trabalho.

Na Alemanha, a tradução da bíblia de latim para o alemão após a Reforma Protestante favoreceu o processo de organização das primeiras revoltas campesinas através do entendimento das contradições sociais vivenciadas pelos camponeses. Nas palavras de Julião, “foi assim que o camponês alemão ficou sabendo que Cristo era um homem pobre, humilde, sem dinheiro; que andava de sandálias e a pé, como ele; que não tinha terras não cobrava fôrro nem dízimo de ninguém”<sup>9</sup>. Além disso, a formação dessas ligas não foi um acontecimento exclusivo da Alemanha ou da Europa medieval. Já no século XIX, nos Estados Unidos, ocorreu em Nova Iorque

---

<sup>8</sup> DUBY, Georges. Economia rural e a vida no campo no Ocidente medieval, Lisboa: Edições 70, 1987., pp. 9-19

<sup>9</sup> JULIÃO, Francisco. Que são as Ligas Camponesas?. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962, p.15.

uma reunião de camponeses com o objetivo de condenar a miséria vivenciada por eles nos campos e nas cidades operárias estadunidenses.<sup>10</sup> Mas e no Brasil? Como surgiram as Ligas Camponesas?

As Ligas no Brasil tiveram seu início no engenho Galiléia, localizado na cidade de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco. Este engenho abrigava cerca de 140 famílias de foreiros em quinhentos hectares de terra. A criação do movimento ocorreu em 1º de janeiro de 1955 e recebeu o nome de Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco (SAPPP). Vale enfatizar que o movimento inicialmente foi autodenominado como SAPPP. A nomenclatura “Ligas Camponesas” surgiu externamente, originada por setores conservadores da política que buscavam associar a SAPPP a outras ligas que se formaram nas décadas de 1940 e 1950, influenciadas pelo Partido Comunista Brasileiro. A princípio, as questões abordadas pelas Ligas Camponesas eram de natureza local, centradas nos problemas e desafios enfrentados pelos próprios camponeses. Esses trabalhadores do campo eram vítimas de uma situação de exploração imposta pelos proprietários de terra, especialmente no que diz respeito ao sistema de pagamento conhecido como "cambão" ou "canga" - esse método de pagamento consistia na quitação do aluguel da terra por meio de dias de trabalho gratuito, uma prática que restringia os direitos dos camponeses -. Os trabalhadores almejavam, entre outras reivindicações, a extensão da legislação trabalhista aos setores de usinas e engenhos, o direito de plantar e colher na terra que arrendavam, bem como a possibilidade de pagar o foro em dinheiro, não mais através do cambão. Além disso, a luta camponesa nas Ligas tinha como objetivo central a reforma agrária, buscando a emancipação frente à elite que perpetuava tais práticas de exploração e violência.<sup>11</sup>

Dessa forma, o movimento das Ligas Camponesas era de origem camponesa e local antes de ganhar dimensões internacionais. O apoio de figuras como Fidel Castro, Che Guevara e Mao Tsé Tung, contribuiu substancialmente para essa expansão. A internacionalização destacou a relevância do movimento no cenário global, consolidando sua posição como uma luta não apenas por questões camponesas específicas, mas como parte de um movimento mais amplo em prol da justiça social e da libertação. Contudo, é crucial compreender que, lideranças que

---

<sup>10</sup> Ibid. p.22.

<sup>11</sup> Memorial das Ligas e Lutas Camponesas. Disponível em: <[https://www.ligascamponesas.org.br/?page\\_id=99](https://www.ligascamponesas.org.br/?page_id=99)> Acesso em 10 de jan. de 2024.

apoiaram o movimento, como Alexina Crespo e Francisco Julião não eram originárias do meio camponês, mas que eles assumiram de maneira decidida a causa, evidenciando a dinâmica da formação e expansão das Ligas.

Além disso, sobre o surgimento do movimento, a principal versão documentada no Memorial das Ligas e Lutas Camponesas<sup>12</sup>, sugere que ele foi formado com o propósito de arrecadar recursos para o enterro dos camponeses falecidos, que até então eram sepultados em valas comuns. Além disso, outra versão, sugere que a SAPPP tinha objetivos assistencialistas mais amplos, como gerar recursos para assistência educacional, de saúde e para adquirir adubos e ferramentas para o campo, visando melhorar a produção agrícola. Para isso, os camponeses teriam formado a sociedade e escolhido como presidente de honra o proprietário do engenho, Oscar de Arruda Beltrão. No entanto, a criação da SAPPP provocou uma reação de suspeita no filho do proprietário do engenho, receoso de que a formação de uma comunidade rural pudesse prejudicar a forma de trabalho de exploração dos camponeses, levando-o, dessa forma, a convencer o pai a proibir a organização do movimento.<sup>13</sup>

Após esse cenário de abafamento, os representantes da SAPPP, para defender seus interesses na Justiça, buscaram o auxílio de Francisco Julião Arruda de Paula, advogado em Recife, conhecido por sua "Carta aos Foreiros de Pernambuco" de 1945. A disputa legal persistiu até 1959, quando a proposta de desapropriação do engenho foi finalmente aprovada pela Assembleia Legislativa, mediante projeto de lei do deputado Carlos Luiz de Andrade, tornando os camponeses de Galiléia símbolos da reforma agrária pelos trabalhadores rurais.<sup>14</sup>

A partir de 1959, as Ligas Camponesas se expandiram rapidamente para outros estados, como Paraíba, Rio de Janeiro e Paraná, ampliando o impacto político do movimento. Além do Engenho Galiléia, uma das Ligas mais significativas foi a de Sapé, na Paraíba. A expansão da Liga de Sapé ganhou impulso a partir de 1962, quando seu líder, João Pedro Teixeira, foi assassinado a mando do proprietário local. Pouco depois, esse núcleo contava com cerca de dez mil membros, enquanto outros núcleos se espalhavam por municípios vizinhos.<sup>15</sup> Além disso, a partir da década de 60, as Ligas organizaram comitês regionais em vários

---

<sup>12</sup>Ibid.

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> Ibid.

<sup>15</sup> Ibid.

estados do Brasil, além de criar o jornal “A Liga”, com o objetivo de ser o porta-voz do movimento.

Crescia, portanto, o movimento. Para Julião, o objetivo do camponês agora seria a indenização pela terra. Ele quer ou ficar na terra em que trabalha ou receber pagamento pelo seu trabalho. Começam a ir em grandes grupos para as audiências, exigindo seus direitos:

É a sua vingança. No começo é assim. Depois, a luta recrudescer. E chega ao extremo dos choques pessoais, das vinditas. Aguça-se, então, a luta. Isso comprova que o latifúndio é a subversão, é a ilegalidade, é a desordem. E explode Galiléia. E explode Sapé. Para resistir ao despejo, à polícia, ao capanga, a Liga se reúne, mobiliza os camponeses, marcha para a cidade. É o protesto. É a demonstração de massa. Com o apoio dos espoliados da cidade. Do operário. Do estudante. Do intelectual revolucionário. Que foi a Cuba. Que leu Guevara. Que escutou Fidel Castro. Cria-se, assim, o caso local que cresce de proporção, rompe a fronteira e se derrama pelo mundo. É a projeção da Liga. É a sua consagração. Sensibilizante. Ganhando adeptos. Para a reforma agrária radical. Na Lei ou na marra. Com flôres ou com sangue.<sup>16</sup>

Por fim, diante desse cenário de intensificação das lutas, marcado por confrontos e resistência, é crucial explorar uma dimensão muitas vezes negligenciada: a participação ativa e significativa das mulheres nas Ligas Camponesas. A trajetória das Ligas Camponesas, inicialmente centrada na reforma agrária e nos desafios enfrentados pelos trabalhadores rurais, ganha uma perspectiva mais completa ao reconhecer o papel vital desempenhado pelas mulheres.

### **3 PROTAGONISMO FEMININO NAS LIGAS CAMPONESAS**

O que é recusado às mulheres é a palavra pública.<sup>17</sup>

Ao imergirmos no contexto histórico e sociopolítico das Ligas Camponesas, inevitavelmente nos confrontamos com uma lacuna que merece atenção e reflexão: a presença e o papel das mulheres nesse movimento e na narrativa historiográfica. Onde estavam as mulheres nas Ligas Camponesas e como foram retratadas pela História? A inserção e reconhecimento das mulheres como trabalhadoras rurais no Brasil só se efetivaram com a pressão de diversos movimentos sociais, culminando

---

<sup>16</sup> JULIÃO, Francisco. Que são as Ligas Camponesas?. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962, p.50.

<sup>17</sup> PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Trad. Viviane Ribeiro, Bauru: EDUSC, 2005, p.318.

na Constituição de 1988. Contudo, ao analisarmos a formação de movimentos específicos para trabalhadoras rurais ou camponesas, identificamos, conforme apontam Conte, Martins e Daron (2009), que isso só ganhou expressividade no início da década de 80 no Brasil. Antes desse período, a invisibilidade das mulheres camponesas era quase total, relegando-as a uma margem silenciada na construção da história social e política do campo brasileiro. Essa análise crítica nos conduz a questionamentos fundamentais sobre a narrativa histórica e sua capacidade de refletir a diversidade e complexidade das experiências femininas, especialmente nos movimentos sociais como as Ligas Camponesas.

Na obra “Que são as Ligas Camponesas”, vemos somente um relato de Julião sobre a participação feminina no movimento. Ele diz que:

Foi igualmente valiosa a ajuda que muitas mulheres camponesas deram durante os dias mais duros e desiguais da peleja. Algumas delas chegaram a ameaçar os maridos de abandono, se não permanecessem fiéis às Ligas e solidários com os companheiros perseguidos. O papel da mulher camponesa na formação e no avanço das Ligas merece registro especial.<sup>18</sup>

Julião destina as últimas linhas de um parágrafo para abordar a participação das mulheres camponesas nas Ligas. Ao mencionar que "algumas delas [mulheres] chegaram a ameaçar os maridos de abandono, caso estes não se mantivessem leais às Ligas", evidencia-se uma estratégia de resistência e apoio aos companheiros de luta do movimento, buscando dissuadir seus maridos de abandonar a causa da Liga. Entretanto, ao reconhecer a importância dessa tática, é imprescindível ressaltar que as camponesas desempenharam papéis muito mais abrangentes. Elas também foram protagonistas políticas nas Ligas, chegando a organizarem a Liga das Mulheres, uma iniciativa que visava garantir a igualdade de direitos entre homens e mulheres, evidenciando que suas contribuições transcendiam o âmbito doméstico e estendiam-se ao campo político e social, desafiando as normas de gênero predominantes na época.

Além disso, é imprescindível destacar a notável figura de Alexina Crespo, esposa de Julião, como um pilar fundamental no movimento. Sua dedicação vai além de um simples acolhimento de camponeses em sua casa em busca de apoio jurídico de Julião. Muitas vezes, assumindo o papel de enfermeira, ela cuidava dos ferimentos dos camponeses que chegavam, frequentemente vítimas de disparos ordenados por latifundiários. Alexina emergiu como uma figura indispensável,

---

<sup>18</sup> Ibid. JULIÃO, 1962, p.31.

desempenhando um papel multifacetado, contribuindo de maneira decisiva para o sucesso e resiliência do movimento camponês. Sua atuação não apenas solidificou sua posição como líder, mas também desafiou as expectativas sociais da época.

Clodomir Morais ressalta que o auge das Ligas Camponesas como uma organização de massas rurais ocorreu nos primeiros meses de 1964. Durante esse período, a Federação das Ligas Camponesas de Pernambuco foi estruturada com notável sucesso, abrangendo 40 Ligas Camponesas, uma Liga das Mulheres, uma Liga de Pescadores, uma Liga Urbana, uma Liga de Desempregados e 4 Sindicatos de Assalariados Agrícolas. Nesse contexto de expansão e consolidação, o número total de filiados em Pernambuco alcançava impressionantes aproximadamente 40 mil pessoas.<sup>19</sup> Essa ampliação estratégica demonstra a abrangência e diversidade das Ligas Camponesas, incorporando diferentes setores da sociedade e consolidando-se como uma força significativa no cenário político e social do período.

Quanto à participação feminina na liderança das Ligas, Morais observa que as mulheres representavam 13,8% do total de líderes. Entre as líderes de origem urbana, essa participação aumentava para 25%. No entanto, entre os líderes provenientes do setor rural, as mulheres representavam apenas 3%, e entre os líderes claramente vinculados ao meio camponês, essa cifra subia para 5%.<sup>20</sup> Envolvidas em diversos aspectos da organização, elas desempenharam funções-chave na luta por direitos e justiça no meio rural. Esses dados evidenciam a contribuição feminina nas diferentes esferas das Ligas Camponesas, refletindo que, apesar do apagamento na historiografia tradicional, a participação feminina nesse movimento foi marcante e fundamental.

### **3.1 Alexina Crêspo**

Alexina Lins Crêspo de Paula foi negligenciada em diversos estudos acerca das Ligas Camponesas, assim como várias outras mulheres que contribuíram para o movimento camponês e se envolveram na militância, incluindo figuras como Delzuíte da Costa Silva, Amara Silva, Elizabeth Teixeira, Maria Soledade, entre outras. Para compreender a atuação política de Alexina é importante entender a sua trajetória, haja visto que Alexina nasceu em uma família tradicional de Pernambuco, contudo, por influência de sua mãe e de sua avó, desde muito cedo manifestava simpatia

---

<sup>19</sup> MORAIS, Clodomir Santos de. História das Ligas Camponesas do Brasil. Brasília: LATTERMUND, 1997, p.56.

<sup>20</sup> Ibid, p.57.

pelas ideias de Luiz Carlos Prestes. Esse posicionamento ideológico desempenhou um papel significativo na formação de suas convicções políticas e, conseqüentemente, influenciou na sua conduta mais radical em comparação a Francisco Julião, por exemplo. Alexina defendia a justiça social e a reforma agrária “na lei ou na marra” de maneira radical, o que contribuiu para sua adesão à militância comunista e à decisão de engajar-se na luta armada e clandestinidade, elementos que marcariam sua atuação política nas Ligas Camponesas e, mais tarde, no Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT).

Em 1943, Alexina casou-se com Francisco Julião, tendo quatro filhos com ele. Em 1949, desempenhou um papel fundamental na fundação da União Feminina de Pernambuco (UFP), tornando-se sua primeira presidente, com foco na defesa dos direitos da mulher e da criança no estado. Sobre a atuação ao lado de Julião, Soares afirma que:

Na casa da família, no bairro de Caxangá, quem cuidava de tudo era Alexina. Tanto da parte doméstica, quanto da parte de receber associados das Ligas, quando seu marido se tornou advogado e líder das mesmas, até a parte de organizar e datilografar documentos para seu marido. Também atuou como enfermeira quando houve conflitos entre trabalhadores rurais e patrões, mesmo nunca tendo estudado para tal. Alexina agia pura e simplesmente pelo desejo de socorrer os necessitados e pela consternação com as injustiças sociais da região.<sup>21</sup>

A atuação de Alexina ao lado de Francisco Julião na casa da família, localizada no bairro de Caxangá, revela a sua multifacetada contribuição para as Ligas Camponesas. Desempenhando um papel central tanto na esfera doméstica quanto nas atividades relacionadas às Ligas, ela personificava a força motriz por trás do apoio logístico e organizacional do movimento.

A responsabilidade de cuidar de todos os aspectos domésticos e receber os associados das Ligas mostram a versatilidade e dedicação de Alexina. À medida que seu marido assumiu papéis de liderança, tornando-se advogado e líder das Ligas, ela não apenas gerenciava a casa, mas também desempenhava um papel na organização e datilografia de documentos relacionados ao movimento. A sua atuação como enfermeira durante conflitos entre trabalhadores rurais e patrões, mesmo sem formação formal na área, mostra o seu comprometimento em socorrer os necessitados e combater as injustiças sociais na região. Alexina Crespo surge

---

<sup>21</sup> SOARES, Thalita M.. Mandacaru: uma reflexão sobre a trajetória de Alexina Crêspo utilizando o cinema como fonte, ANPUH: 30º Simpósio Nacional de História, 2019, p.09.

como uma figura central, transcendendo as expectativas tradicionais da época para as mulheres. Seu envolvimento ativo e abnegado nas atividades das Ligas Camponesas destaca não apenas o seu papel como esposa de um líder, mas como uma líder por direito próprio.

A formação e trajetória política de Alexina, no entanto, se distingue e não deve ser confundida com a de Julião, mesmo que eles tenham exercido influência um sobre o outro. Contrariamente à ideia de Julião como seu mestre ou principal fonte de inspiração, Alexina revelava-se como uma figura singular. Enquanto seu marido inclinava-se mais para o âmbito político social-democrático do que para o revolucionário, ela destacava-se como apoiadora e militante revolucionária das Ligas Camponesas. Representava um contingente de militantes que abraçava a defesa da luta armada, destacando-se por sua postura decidida e engajamento na busca por mudanças sociais.

Enquanto Francisco Julião era membro do PSB, Alexina Crêspo, desde a década de 1950, participava de reuniões do PCB, mesmo durante o período em que o partido encontrava-se na ilegalidade. De maneira discreta, ela mantinha em sua casa documentos do Partido Comunista Brasileiro por muitos anos, sem que Francisco tivesse conhecimento disso. Essa participação clandestina e seu comprometimento com o PCB revelam a profundidade de sua inclinação ideológica, evidenciando a independência de suas convicções políticas em relação às de seu marido. Esse contraste na filiação partidária e no envolvimento político entre ambos revela também a complexidade das motivações individuais que impulsionaram a atuação de Alexina no cenário político das Ligas Camponesas.

A ausência de Alexina Crespo nos registros da historiografia tradicional revela um apagamento persistente das contribuições das mulheres, mesmo quando desempenharam papéis cruciais em movimentos sociais como as Ligas Camponesas. A escassez de fontes escritas sobre Alexina reflete a negligência histórica em documentar e reconhecer integralmente a atuação feminina nesse contexto. Contudo, apesar desse vazio documental, documentários como "Memórias de um exílio" e "Memórias Clandestinas" emergem como valiosas fontes audiovisuais que lançam luz sobre a vida e a atuação de Alexina Crespo nas Ligas Camponesas. Além dos documentários, entrevistas gravadas também constituem um recurso importante para resgatar a voz e a memória de Alexina, proporcionando

fontes preciosas sobre sua atuação, suas motivações e seu impacto no movimento camponês.

Nesse sentido, no documentário "Memórias Clandestinas", dirigido por Maria Thereza Azevedo e lançado em 2004, relatos de Alexina revelam que diante das ameaças de morte frequentes que seus filhos enfrentavam no Brasil, eles se refugiaram em Cuba, atendendo a um pedido de Fidel Castro. Enquanto seus filhos buscavam segurança na ilha caribenha, Alexina decidiu permanecer no Brasil para continuar sua luta em prol das Ligas Camponesas. A decisão de enviar os filhos para Cuba não apenas reflete a seriedade das ameaças que a família enfrentava, mas também destaca o comprometimento de Alexina com a causa, demonstrando sua disposição de sacrificar a união familiar em prol da resistência e da defesa dos direitos dos camponeses.

No final de março de 1964, Alexina deixou o Brasil para participar do casamento de sua filha Anataílde, data que coincidiu com a eclosão do golpe militar no final do mesmo mês e início de abril. Com o golpe e o contexto político de perseguição aos setores de esquerda brasileira, Alexina experimentou o início de seu longo exílio no exterior.<sup>22</sup>

Durante sua estadia em Cuba, o papel desempenhado por Alexina assumiu uma posição que poderia ser comparada à de uma diplomata das Ligas Camponesas<sup>23</sup>. Isso se fundamenta na habilidade de Alexina em cultivar laços e parcerias internacionais, contribuindo para a projeção do movimento além das fronteiras nacionais. Sua participação em eventos e encontros internacionais não apenas fortaleceu os vínculos entre as Ligas Camponesas e líderes influentes em outros países, mas também trouxe visibilidade para as questões sociais e políticas enfrentadas pelos camponeses do Brasil.

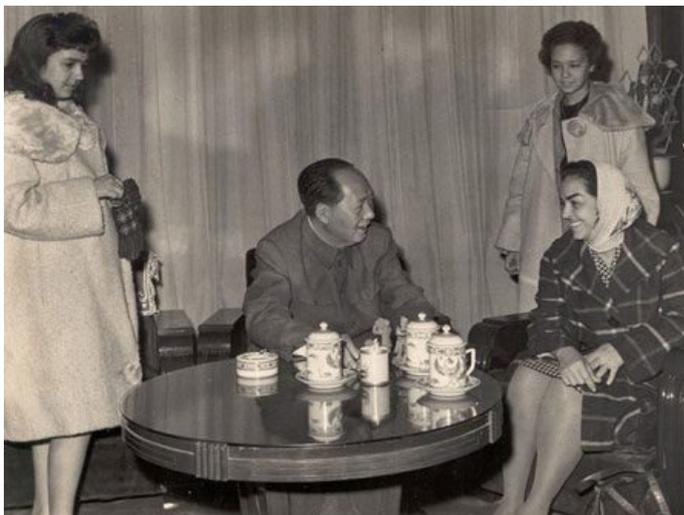
Dessa forma, ainda durante o exílio, Alexina teve a oportunidade de compartilhar um chá com Mao Tse Tung, cultivar a amizade de Fidel Castro e, de maneira multifacetada, contribuir para a causa. Suas atividades iam desde a costura de sacos de açúcar até o cultivo de café, destacando-se ainda pelo papel de guarda

---

<sup>22</sup> MEMÓRIAS Clandestinas. Direção de Maria Thereza Azevedo. Produção: Sépia Cinema e Vídeo, 2004. Youtube.

<sup>23</sup> Apesar de utilizarmos a expressão "diplomata das Ligas Camponesas" para ilustrar o papel abrangente de Alexina Crespo, é importante ressaltar que essa designação não detinha um caráter oficial ou formal, equiparável aos títulos oficiais conferidos a diplomatas tradicionais. Sua atuação transcendia as funções políticas convencionais, estabelecendo relações internacionais cruciais para o movimento, mas essa comparação é uma analogia para destacar a amplitude e importância de seu papel, não um título oficialmente atribuído.

da residência de Che Guevara. Durante uma missão internacional voltada para discutir as Ligas Camponesas do Brasil, Alexina não apenas consolidou alianças políticas importantes, mas também desempenhou tarefas práticas e simbólicas, refletindo seu comprometimento integral com a causa que abraçava.<sup>24</sup>



Alexina Crespo (sentada) em encontro com Mao Tse tung<sup>25</sup>

Alexina dedicou-se a aprimorar suas habilidades ao realizar um curso de guerrilha com Fidel Castro e Che Guevara. Posteriormente, embarcou em um curso focado em comunicação através de códigos. Esses conhecimentos eram então compartilhados com o grupo Tiradentes do Brasil, considerado o mais radical das Ligas Camponesas. Este grupo sustentava, diferente do que pensava Julião, a convicção de que a revolução armada era a única alternativa viável.<sup>26</sup>

Ainda segundo depoimento de Alexina no documentário, enquanto seu marido era responsável pela parte legal das Ligas, ela e Clodomir de Moraes se preocupavam com a parte clandestina - como o Acampamento de Dianópolis, no município do Tocantins, que tinha por objetivo treinar uma guerrilha. Clodomir, que admirava imensamente a figura de Alexina e compartilhava suas convicções de esquerda radical, chegou a afirmar em "Memórias Clandestinas" (2004) que foi ela quem construiu a liderança de Francisco Julião, e não o contrário. Ademais, segundo os relatos de Delzuite da Costa Silva, também militante das Ligas Camponesas,

---

<sup>24</sup> MEMÓRIAS Clandestinas. op. cit.

<sup>25</sup> Alexina Crespo, destacada lutadora do povo. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/materias-impresas/alexina-crespo-destacada-lutadora-do-povo/> Acesso em 19 de jan. de 2024.

<sup>26</sup> MEMÓRIAS Clandestinas. op. cit.

Alexina transcendeu a tradicional imagem de uma dona de casa ou simplesmente esposa de Julião. Relata Alexina Crêspo em entrevista:

Eu conversava com ele (Julião), e dizia o que nós estávamos pretendendo. Houve inclusive uma ocasião em que havia duas correntes nas Ligas, do pessoal favorável à luta armada. Uma queria dividir o Brasil assim, horizontalmente (faz o gesto com a mão, mostrando). Entre Norte e Sul. Outra que queria dividir assim, verticalmente.<sup>27</sup>

A análise das propostas de divisão do Brasil apresentadas por Alexina reflete sua postura crítica e avaliativa, mas também a sua participação ativa como líder influente nas decisões da linha radical das Ligas. Ela continua:

Esta era a que o padre Alípio (de Freitas, integrante das Ligas na época; vive hoje em Portugal) queria. A proposta dele era que assim seria possível tomar as fábricas, as montadoras de automóvel, para fazer armas. Era um negócio meio absurdo, meio utópico. Justamente onde tinha mais mata para a gente fazer a guerrilha, mais rios, essa coisa toda, ficava isolada. E a gente ficava com a fronteira do lado de cá, toda a costa, era super perigoso. A corrente que eu defendia preferia o corte horizontal.<sup>28</sup>

A sugestão de corte vertical, proposta pelo padre Alípio, foi discutida por Alexina como impraticável e utópica devido a considerações geográficas e de segurança. Essa avaliação denota a habilidade de Alexina em ponderar as viabilidades práticas das estratégias propostas.

Assim a gente ficava com diversas fronteiras, que poderiam nos ajudar. Com as Guianas, de onde poderia vir ajuda de Cuba. E com mais um pedaço aqui no Nordeste. Mas minha proposta foi derrotada. Tudo isso eu levei para Fidel. E ele disse: "Essa aqui tem mais lógica". Era a proposta que eu defendia. Porque você pegava as fronteiras... Inclusive da África, que fica pertinho daqui. Naquela época a Argélia estava muito ligada a Cuba, poderia vir ajudar também por aí.<sup>29</sup>

No contexto das propostas de divisão do país, a defesa de Alexina pela abordagem de corte horizontal ganha destaque. Sua argumentação ressalta a vantagem estratégica dessa proposta, proporcionando diversas fronteiras, inclusive com as Guianas, de onde poderia vir auxílio de Cuba, e uma porção adicional no Nordeste.

É válido pontuar que a influência de Fidel Castro nas decisões estratégicas é evidenciada pela interação de Alexina com o líder cubano. Ao apresentar suas

---

<sup>27</sup> SANTIAGO, Vandeck. Especial golpe de 64. Diário de Pernambuco, 31 mar. 2004. Caderno especial, p. 06.

<sup>28</sup> Ibid.

<sup>29</sup> Ibid.

propostas, ela recebe o reconhecimento de Fidel, que valida a lógica e a viabilidade da abordagem discutida. Essa interação destaca a importância do alinhamento estratégico e da cooperação internacional na busca pelos objetivos das Ligas Camponesas, coordenada por Alexina. Além das considerações pan-americanas, ela amplia sua visão para uma perspectiva africana, buscando apoio potencial da Argélia. Sua proposta vai além das fronteiras nacionais, refletindo uma abordagem mais ampla e global para a luta revolucionária. Ela diz ainda:

Foi num campo de tiro ao alvo. Com armas, metralhadora... Tivemos aula também sobre curva de nível, quando se aprende a atirar com morteiro. Você tem que colocar no chão e calcular a curva que a bala tem que fazer para atingir o alvo. Estávamos com um grupo de pessoas que fomos conhecendo em Cuba. Mas não foi uma coisa assim, oficial, do tipo "Fidel mandou buscar e colocou num lugar especial"... Fomos, nos conhecendo, e aí, formou-se o grupo. Não era só gente das Ligas; havia pessoas de outros países".<sup>30</sup>

Alexina Crespo emerge como uma figura fascinante e paradigmática nas Ligas Camponesas, desafiando as convenções tradicionais do papel atribuído às mulheres na sociedade. Sua participação em atividades de treinamento em Cuba, que incluíam práticas com armas, metralhadoras e aprendizado sobre curva de nível para o uso de morteiros, evidencia sua coragem e determinação em romper barreiras preestabelecidas. O ambiente colaborativo, marcado pelo encontro com pessoas de diferentes nacionalidades, destaca não apenas sua atuação no contexto das Ligas Camponesas, mas também seu engajamento em uma dinâmica internacionalista.

Ao desempenhar funções diversas, desde receber camponeses em casa até organizar documentos para seu marido Julião, Alexina contribuiu de maneira crucial para o sucesso e resiliência do movimento camponês. Sua história desafia estereótipos de gênero, destacando a importância das mulheres nas Ligas Camponesas e reforçando o papel central que Alexina desempenhou como uma líder e defensora da justiça social.

Ademais, vale ainda pontuar que haviam diversas agendas e lideranças que emergiram nas Ligas Camponesas. Destaca-se a figura de Assis Lemos de Souza, que liderava o movimento na Paraíba e sua abordagem se alinhava à simpatia pelo Partido Comunista. Outra corrente representativa consistia na perspectiva católica,

---

<sup>30</sup> SANTIAGO, Vandek. Especial golpe de 64. Diário de Pernambuco, 31 mar. 2004. Caderno especial, p. 06.

cujo foco estava na negociação e na garantia de direitos, sem uma efetiva transformação estrutural nos campos. Adicionalmente, a corrente mais à esquerda, liderada por Clodomir de Moraes e Alexina Crespo, defendia a revolta armada através da revolução como meio de conquistar o poder, tendo como inspiração a revolução cubana de 1959.

Devido ao seu alinhamento ideológico radical, Alexina e seus filhos vivenciaram um período significativo em suas vidas marcado por exílios e desafios políticos. Após passarem uma década em Cuba, eles buscaram refúgio no Chile por volta de 1972, com a intenção de organizar, em colaboração com o Partido Comunista Chileno, uma resistência armada em Santiago contra a ditadura militar no Brasil. Contudo, o golpe militar no Chile, liderado pelo general Augusto Pinochet, em 1973, provocou uma reviravolta em seus planos. Diante da perseguição política e da violência, Alexina e seus filhos passaram a pedir asilo em embaixadas. O caminho para a segurança foi árduo, e somente após conseguirem fugir para a Suécia, onde enfrentaram seu terceiro exílio, puderam experimentar um respiro. O retorno ao Brasil, finalmente, se concretizou após a promulgação da Lei da Anistia em 1979, marcando o fim de um período tumultuado e o reencontro da família com sua terra natal.

#### **4 MULHERES, LIGAS CAMPONESAS E ENSINO DE HISTÓRIA**

E no ensino de História? Existem discussões que permeiam a participação feminina nas Ligas Camponesas? Como podemos abordar essa importante temática na sala de aula? A priori, é importante pontuar algumas questões relativas à temáticas fundamentais sobre o ensino de História, como consciência histórica, cultura e memória histórica. A consciência histórica, de acordo com Jörn Rüsen, refere-se à capacidade de uma pessoa atribuir significado e compreensão ao fluxo da experiência humana ao longo do tempo. Isso implica em uma constante interpretação e reinterpretação de si mesmo, do mundo e das relações entre passado, presente e futuro. A consciência histórica envolve a percepção das mudanças e continuidades na narrativa histórica, contribuindo para a formação da identidade individual e coletiva.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> RUSEN, Jörn. Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

A cultura histórica, por sua vez, abrange um conjunto de bens culturais que utilizam o passado como fonte de inspiração. Esses elementos vão além do conhecimento histórico formalmente produzido por métodos e regras. Inclui tanto expressões artísticas que utilizam o passado como matéria-prima quanto as identidades coletivas e políticas relacionadas a interpretações históricas. A cultura histórica, nesse sentido, compreende a diversidade de formas como a sociedade interage com seu passado.<sup>32</sup>

Por fim, a memória histórica refere-se ao processo de lembrar ou de esquecer eventos do passado. Ela está ligada à construção social da narrativa histórica, sendo permeada por tensões sociais. A memória histórica envolve escolhas conscientes sobre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, moldando a maneira como uma sociedade percebe e interpreta sua própria história. Essas escolhas muitas vezes refletem disputas de poder e influenciam a compreensão coletiva dos eventos passados.<sup>33</sup>

Todos esses campos, por sua vez, se relacionam entre si, e dialogam a todo tempo com a memória social, com aquilo que desejamos lembrar e o que não podemos permitir que se esqueça. Nesse sentido, a escola e o currículo escolar emergem como espaços cruciais de disputa e formação dos alunos no que tange à consciência histórica, cultura e memória histórica. A seleção do que é incluído nos currículos escolares constitui um ato político, refletindo as identidades sociais e agentes que são privilegiados ou marginalizados na narrativa histórica oficial. Portanto, pensar no que se ensina nas aulas de História torna-se uma questão de relevância central, pois não apenas molda a perspectiva dos alunos sobre o passado, mas também influencia diretamente na formação de suas consciências históricas e compreensão da cultura histórica. Afinal, quais são as identidades sociais e agentes que aparecem nos currículos? Em que medida corroboram ou questionam o consenso, a hegemonia?

Dentro dessa perspectiva de análise podemos considerar a importância da categoria de análise de gênero como uma ferramenta fundamental para desvelar as relações de poder historicamente estabelecidas. No contexto das Ligas Camponesas, a participação feminina na política, notadamente a liderança de mulheres como Alexina Crespo, torna-se uma peça-chave para compreender não

---

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>33</sup> Ibid.

apenas a dinâmica interna do movimento, mas também para desafiar estereótipos de gênero presentes nas narrativas históricas tradicionais.

Joan Scott teoriza sobre o conceito de gênero, enfatizando seu potencial de análise dentro da História. Ela considera que “o gênero é um elemento constitutivo de relações baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”<sup>34</sup> e que ele é um modo de designar relações de poder. Dessa forma, ao incorporar a categoria de gênero no ensino de História, os educadores têm a oportunidade de promover uma análise mais crítica e inclusiva das experiências históricas. A participação feminina nas Ligas Camponesas não é apenas um episódio isolado, mas sim um reflexo das lutas e desafios enfrentados pelas mulheres em diversos contextos sociais e políticos. Resgatar essas histórias não apenas amplia a compreensão dos alunos sobre o passado, mas também estimula reflexões sobre como as estruturas de poder baseadas no gênero influenciam e moldam as experiências históricas.

As mulheres desempenharam papéis importantes nas Ligas, contribuindo para a organização, mobilização e resistência nas lutas pela reforma agrária e pelos direitos dos trabalhadores rurais. No entanto, as discussões sobre a participação feminina nas Ligas Camponesas nem sempre são incluídas de forma adequada nos currículos e nos livros didáticos de História, o que é acentuado pelo fato de que a própria temática das Ligas Camponesas é frequentemente negligenciada nos livros didáticos. Muitos materiais de ensino tendem a enfatizar os líderes masculinos e suas ações no contexto político, relegando as mulheres a papéis secundários ou simplesmente ignorando sua contribuição. Isso pode refletir uma tendência mais ampla de sub-representação das mulheres na narrativa histórica, resultante de viés de gênero e de uma abordagem historiográfica tradicionalmente centrada nos feitos de homens brancos e poderosos. Essa lacuna na representação histórica das mulheres, e das próprias Ligas Camponesas, pode perpetuar estereótipos de gênero e limitar a compreensão dos alunos sobre a diversidade de experiências e contribuições das mulheres na história do Brasil.

É fundamental que os educadores e os responsáveis pela elaboração de currículos e materiais de ensino de História reconheçam a importância de incluir a participação das mulheres nas Ligas Camponesas e em outros movimentos sociais como parte integrante do currículo escolar. Isso pode envolver a seleção de

---

<sup>34</sup> SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil para a análise Histórica. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

materiais de leitura complementar, o desenvolvimento de atividades de sala de aula que destaquem as vozes e experiências das mulheres, e o incentivo à pesquisa e ao debate sobre essa temática.

O ensino de História, ao abraçar a análise de gênero, contribui para a desconstrução de narrativas excludentes e para a valorização das contribuições femininas historicamente subestimadas. Incorporar a participação das mulheres nas Ligas Camponesas nas discussões em sala de aula não é apenas uma questão de inclusão, mas também um convite para os alunos questionarem, debaterem e reconstruírem uma compreensão mais completa e equitativa do passado, refletindo sobre as identidades sociais e os agentes históricos que foram historicamente marginalizados.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste artigo, exploramos a significativa contribuição das mulheres, como Alexina Crespo, nas Ligas Camponesas, movimento que historicamente foi percebido como predominantemente masculino. A análise da participação feminina nesse movimento nas décadas de 1950 e 1960 revela não apenas a coragem e a resiliência dessas mulheres, mas também ressalta a importância de reavaliar a narrativa histórica tradicional, que muitas vezes negligencia ou minimiza suas contribuições. Alexina Crespo, assim como outras mulheres nas Ligas Camponesas, desafiou as expectativas sociais e desempenhou papéis fundamentais na organização, mobilização e resistência. O resgate de suas histórias e a compreensão de suas motivações para se tornarem militantes são elementos essenciais para uma narrativa histórica mais inclusiva e precisa.

Além disso, este artigo destaca a relevância do ensino de História na abordagem dessas temáticas. O currículo escolar desempenha um papel crucial na formação da consciência histórica dos alunos. No entanto, observamos que a participação feminina na política e nos movimentos sociais muitas vezes é sub-representada ou ignorada nesses materiais de ensino. Portanto, a pesquisa não apenas lança luz sobre as histórias das mulheres nas Ligas Camponesas, mas também ressalta a importância de integrar essas narrativas nos currículos escolares.

O ensino de História não é apenas a transmissão de fatos passados, mas uma oportunidade de engajar os alunos em uma reflexão crítica sobre a sociedade e as lutas por justiça social. Incluir a participação feminina nas Ligas Camponesas no

currículo não apenas preenche uma lacuna na representação histórica, mas também empodera os estudantes ao mostrar exemplos concretos de mulheres que desafiaram normas de gênero em meio a contextos desafiadores.

Como conclusão, reconhecemos que a pesquisa sobre mulheres como Alexina Crespo nas Ligas Camponesas vai além da mera recuperação histórica. Ela serve como um chamado à ação para incorporar essas narrativas nos espaços de ensino e aprendizagem, contribuindo assim para uma compreensão mais abrangente e justa da história, bem como para a inspiração de futuras gerações na luta por igualdade e justiça social.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando Antônio. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1962.

BASTOS, Rugai Elide. **As Ligas Camponesas**. Petrópolis: Vozes, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996

CABRAL, F.J.G.; MEDEIROS, M.G.D; ARAÚJO, A.H.S; **Lugar de Mulher é na Revolução: confissões de uma clandestina**. In: Anais Eletrônicos do V Colóquio de História "Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio. Luiz C. L. Marques (Org.). Recife, 16 a 18 de novembro de 2011.

CONTE, Isaura Isabel; MARTINS, Mariane Denise; DARON, Vanderléia Pulga. **Movimento de Mulheres Camponesas: na luta a constituição de uma identidade feminista, popular e camponesa**. In: PALUDO, Conceição (Org.) Mulheres, luta e resistência: em defesa da vida. São Leopoldo: Cebi, 2009.

CONTE, Isaura Isabel; WESCHENFELDER, Noeli Valentina. **Mulheres Camponesas em Luta: resistência, libertação e empoderamento**. Revista da Faculdade de Educação Ano X no 17, Jan./Jun, 2012.

DUBY, Georges. **Economia rural e a vida no campo no Ocidente medieval**, Lisboa: Edições 70, 1987.

JULIÃO, Francisco. **Que são as Ligas Camponesas?**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

MONTENEGRO, A. T.. **As Ligas Camponesas às vésperas do golpe de 1964**. Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 2012.

MORAIS, Clodomir Santos de. **História das Ligas Camponesas do Brasil**. Brasília: LATTERMUND, 1997.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro, Bauru: EDUSC, 2005.

RUSEN, Jorn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Trad. Estevão de Rezende Martins, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANTIAGO, Vandeck. **Especial golpe de 64**. Diário de Pernambuco, 31 mar. 2004. Caderno especial.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil para a análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SOARES, Thalita M.. **Mandacaru: uma reflexão sobre a trajetória de Alexina Crêspo utilizando o cinema como fonte**, ANPUH: 30º Simpósio Nacional de História, 2019

#### **FILMOGRAFIA**

**ALEXINA: Memórias de um Exílio**. Direção de Stella Maris Saldanha. Produção: Claudia Moraes, 2020, Youtube.

**MEMÓRIAS Clandestinas**. Direção de Maria Thereza Azevedo. Produção: Sépia Cinema e Vídeo, 2004. Youtube.

**MEMÓRIAS Camponesas**. Direção de José Sergio Leite Lopes, Moacir Palmeira, José Carlos Matos. Produção: Ricardo Favilla, Rafael Favilla (ICEM), 2022, Youtube.